

OS SEMITAS NAS TERRAS DOS EGÍPCIOS – UMA SÍNTESE DE SUAS RELAÇÕES DA 12^a À 20^a DINASTIA*

Sérgio Aguiar Montalvão**



Resumo: este artigo retrata a convivência dos Semitas no Egito durante c. 9 séculos. Os egípcios e semitas se originaram do Sudeste da Etiópia em c. 8000 A.E.C. e se encontram como povos distintos em c. 3100 A.E.C. Houve a primeira migração semítica de Hicsos e cananeus no Alto Egito em c. 1980 A.E.C. Durante a ascensão da 13^a Dinastia em c. 1803 A.E.C., tem a 14^a Dinastia semítica como rival, e ambas sucumbem à crise egípcia, quando os Hicsos sobem ao poder em c. 1649 A.E.C., que governam até 1550 A.E.C., sendo aproveitados no desenvolvimento da 18^a Dinastia. Em c. 1457 A.E.C., houve nova migração levantina principalmente no Baixo Egito, e envolvimento da elite egípcia com a cultura semítica expresso pelos seus deuses, o que durou até o colapso no Egito (c. 1175 – 1133 A.E.C.) ao perder a administração do Levante para a guerra, levando à sua não-atratividade política e econômica.

Palavras-chave: Egito Antigo. Semitas. Idade do Bronze. Migrações. Interculturalidade.

THE SEMITES IN THE LANDS OF THE EGYPTIANS – A SYNTHESIS OF THEIR RELATIONSHIPS FROM 12th TO 20th DYNASTY.

Abstract: this article portrays the coexistence of Semites in Egypt during c. 9 centuries. Egyptians and Semites originated from Southeastern Ethiopia in c. 8000 B.C.E. and meet as distinct people in c. 3100 B.C.E. There was the first Semitic migration of Hyksos and Canaanites in Upper Egypt in c. 1980 B.C.E.. During the rise of 13th Dynasty in c. 1803

* Recebido em: 28.03.2019. Aprovado em: 03.05.2019.

** Pós-doutorando em Arqueologia de Israel pela Universidade de São Paulo no Museu de Arqueologia e Etnologia pelo Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (2018). Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2018). Mestre pela Universidade de São Paulo na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas no Departamento de Letras Orientais, na Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas (2009). Especialista em Fisiologia do Exercício pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (2001). Graduado em Educação Física pela Universidade Ibirapuera (1998), em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008), em Direito pela Universidade Anhanguera de São Paulo -Unidade Campo Limpo (2015). Atualmente é assessor de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (2012). *E-mail:* montalvao_gripholium@yahoo.com.br



B.C.E., has 14th Semitic Dynasty as its rival, and both succumb to Egyptian crisis, when Hyksos ascend to power in c. 1649 B.C.E., which governed until 1550 B.C.E., being used in 18th Dynasty development. In c. 1457 B.C.E., there was a new Levantines' migration mainly in Lower Egypt, and Egyptian elite involvement with Semitic culture expressed by their gods, which lasted until the collapse in Egypt (c. 1175 - 1133 B.C.E.) by losing Levant administration to war, leading to its political and economic non-attractiveness.

Keywords: Ancient Egypt. Semites. Bronze Age. Migrations. Interculturality.

O presente artigo versará sobre a relação dos povos semitas como imigrantes no Egito desde o seu início registrado a partir da fundação da 12ª Dinastia pelo rei Amenemhet I (c. 1980 A.E.C.¹), até a queda do Novo Império com o Faraó² Ramsés VI (c. 1133 A.E.C.), caracterizada pela perda de territórios, de hegemonia política e de atratividade econômica. Para se compreender tal relação, primeiramente, será ilustrada a origem dos antigos egípcios e semitas de acordo com a precisão da arqueogenética e a linguística histórica contemporânea. Com os egípcios, como eles se estabeleceram na região do Delta do Nilo e se organizaram como sociedade até a unificação do Baixo Egito ao Norte com o Alto Egito ao Sul, criando o Reino do Egito. Sobre os semitas, será retratado sobre as suas migrações até o seu estabelecimento na região do Levante.

Em seguida, haverá referência aos primeiros contatos dos egípcios com os semitas que habitavam as regiões do Sinai, Besor e Gaza desde c. 4000 A.E.C., juntamente com a percepção egípcia dos também denominados “asiáticos” como adversários de guerra. No tema sobre “Os Semitas no Egito Antigo”, desenvolver-se-á sobre a chegada dos semitas levantinos no Egito, sua adaptação, assimilação e aceitação em um país estrangeiro.

Sobre a “Ascensão e Queda da 13ª e 14ª Dinastias”, ter-se-á o progresso e o desenvolvimento de ambas as dinastias que dominavam o Egito juntas, em que a 13ª Dinastia teve um de seus reis de origem semítica, Khendjer, e a 14ª Dinastia era composta de semitas do Levante Sul (cananeus). Ambas as dinastias passaram por decadência mediante a peste que assolou Aváris e deu fim à 14ª Dinastia, e a crise administrativa que levou a 13ª Dinastia se mudar de Mênfis para Tebas, o que facilitou a dominação de todo o Egito pela 15ª Dinastia dos Hicsos que eram semitas do Levante Norte (Síria).

No tocante ao “Período dos Hicsos”, ilustrar-se-á sobre a ascensão da 16ª Dinastia dos Hicsos Menores em Tebas que depuseram a 13ª Dinastia que fugiu de Mênfis. Em seguida, os Grandes Hicsos, que governavam Mênfis e Aváris, conquistaram Tebas e tornaram os Hicsos Menores os seus vassallos. Neste período em Aváris, a cultura dos Hicsos entrou em contato com a cultura egípcia com novos elementos, que resultou na criação de novas técnicas de fabricação de cerâmica, e novas preferências dos Hicsos como dos seus templos, que eram de estilo egípcio e de estilo levantino. Houve nesta época a 17ª Dinastia de Tebas, que depôs a 16ª Dinastia e era vassala da 15ª Dinastia até Seqenenre Tao e seu filho Kamés romperem com esta relação, porém sem êxito, algo que foi conquistado com Ahmés, fundador da 18ª Dinastia, por meio de cavalos e carros de batalha, armas que os Hicsos não possuíam.

Sobre os Hicsos no Egito, após a 15ª Dinastia, será ilustrado que eles não foram expulsos do Egito para Sharuhem e continuaram no Egito através de seus importantes serviços à 18ª Dinastia, contribuindo em sua construção. Da mesma forma, haverá a caracterização da política e gestão do Faraó Tutmés III, na qual houve migrações de levantinos para Aváris, contudo, de forma mais predominante no Baixo Egito durante os períodos da 18ª à 20ª Dinastias. Os filhos dos reis levantinos eram educados na cultura egípcia para facilitar a governança do território.

Ter-se-á exposição sobre a grande apreciação da Elite Egípcia pela cultura dos Povos Levantinos, cujas divindades foram inseridas no panteão egípcio como Resheph – deus das pragas –; Astarte, Ashtoreth e Anat – deusas da sexualidade e da fertilidade consideradas como uma única divindade, sendo que Ashtoreth era associada à guerra no Levante –, cujas expressões no Egito também se tornaram dedicadas à guerra. Nesta época, houve o surgimento da deusa Qudshu, também associada às deusas da sexualidade, que servia tanto para a fertilidade com o deus Min à sua direita como para a guerra com o deus Resheph à sua esquerda. Neste período, ficou mais evidente a relação do deus Seth



com Baal retratada por Ramsés II durante a 19ª Dinastia, e nesta época, o escriba Mami do Faraó que vivia em Ugarit era devotado à Baal Zephon, um dos epítetos de Baal.

No Fim do Império Novo e das Migrações Levantinas, será ilustrada a queda do Egito no final da Idade do Bronze tardia, em que houve grande investimento no poderio bélico do Delta do Nilo para proteger o território conquistado, porém, situações de guerra e de proteção de limites territoriais fizeram com que o Império Egípcio sucumbisse e perdesse a sua capacidade administrativa e retornasse aos seus limites originais, e com isso, não houve grandes migrações levantinas como ocorria anteriormente. Nas Considerações Finais, haverá o desfecho da pesquisa desenvolvida no artigo com as reflexões dela resultadas.

OS ANTIGOS EGÍPCIOS

Os Antigos Egípcios eram povos originários dos primeiros falantes da língua proto-afro-asiática encontrados no sudeste da atual Etiópia em c. 8000 A.E.C. Posteriormente, fixaram-se no antigo norte da África, mais precisamente ao longo do curso inferior do Rio Nilo, desde os primeiros assentamentos iniciados em c. 6000 A.E.C., cujo fenótipo era próximo ao dos antigos habitantes do Levante como Fenícios e Hebreus (WATSON, 2017, p. 17).

As cheias do Rio Nilo proporcionaram um papel crucial no desenvolvimento da Civilização Egípcia e na fundação do Império Egípcio. Elas ocorriam entre junho e outubro/novembro, cujo seu máximo ocorria em setembro, período no qual suas águas transbordavam o seu leito normal cerca de 20km e inundavam suas margens, carregando altas quantidades de aluvião³, abandonado por ocasião das vazantes e que fertilizavam o leito maior, depositando ali uma camada riquíssima em lodo⁴, aproveitado por seus habitantes com sabedoria para o cultivo da terra tão logo o período das cheias passasse. Esse lodo transportado pelas águas, e o controle da vazão destas por meio de barragens, há muito tempo têm assegurado a irrigação permanente das planícies banhadas por aquele rio, responsáveis por produzir três colheitas por ano: no inverno, trigo, cevada, cebola e linho; no outono, arroz e milho; no verão, algodão, cana-de-açúcar e oleaginosas⁵.

As principais responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento econômico do Antigo Egito Pré-Dinástico foram pequenas unidades políticas denominadas *nomos*, tidas como as primeiras aglomerações urbanas, caracterizadas como comunidades autônomas compostas de aldeões que desenvolveram uma agricultura rudimentar que passaram a se agrupar, tendo como objetivo um melhor aproveitamento das águas do Rio Nilo. Os *nomos* eram chefiados pelos nomarcas, que exerciam ao mesmo tempo a função de rei, juiz e chefe militar.

Para aproveitar melhor a cheia das águas do rio Nilo, os *nomos* precisaram colaborar mutuamente, passando a construir reservatórios para distribuir a água equitativamente, canais para aumentar a irrigação da superfície do solo cultivável, e realização da secagem de pântanos, que garantissem uma agricultura eficaz.

A agricultura passou a gerar excedentes pelos meios utilizados na agricultura, como o lodo utilizado para fertilizar as plantações e o produto resultante das colheitas, através de sua extração progressiva e reposição, visando ampliar o seu sistema produtivo. Da mesma forma, houve acréscimo da demanda de mão de obra em virtude da colaboração entre os *nomos*, e posterior implantação de infraestrutura econômica e social básica visando o comércio agrícola egípcio.

Com o decorrer do tempo, as alianças entre os 22 *nomos* existentes na época começaram a se tornar uma “miniunificação interna”, a princípio se reunindo em dois reinos: 1) um, onde se forma o Delta do Nilo, Baixo Egito, localizado ao norte, considerado como uma região de clima mais favorável, com temperaturas mais suaves e com mais chuvas; 2) e outro no Vale, Alto Egito, no sul do Rio Nilo, local em que o clima era mais seco e com poucas chuvas.

A partir de c. 3077 A.E.C., por meio do primeiro rei da I Dinastia Egípcia, denominado Narmer ou Manes, houve a unificação do Baixo Egito e do Alto Egito, o que resultou na formação de um só reino egípcio unificado, iniciando o período da sua história denominado “a Era das Trinta e Uma Dinastias”, que se encerraria com a morte de Alexandre o Grande, Faraó entre c. 332 – 323 A.E.C.



OS ANTIGOS SEMITAS

Os antigos semitas se originaram dos primeiros falantes da língua proto-afro-asiática falada no sudeste da atual Etiópia que em c. 8000 A.E.C., saíram da região devido à ausência de comida para o gado que criavam, chegando em c. 7000 A.E.C. até os limites do semicírculo ⁶ da região do Crescente Fértil ⁷. Posteriormente, migraram em direção ao Nordeste do Levante ⁸, onde se estabeleceu a língua proto-semítica em c. 5500 A.E.C.⁹. Houve nova migração de semitas do Levante Norte para a região de Kish, a 15 km de distância da Babilônia, onde se formou durante o período de Jemdet Nasr (c. 3100 – 2900 A.E.C.), o primeiro Império Semítico (c. 3000 A.E.C.), dando origem aos semitas orientais.

Também se iniciou em c. 3300 A.E.C., as variações das línguas semíticas, como o desenvolvimento da língua kishita como semítica oriental, que durou até o final do período de Jemdet Nasr (c. 2900 A.E.C.), para o desenvolvimento da Língua Acádica como a sua sucessora linguística durante o Período Pré-Dinástico da Mesopotâmia (c. 2900 – 2334 A.E.C.), que se estabeleceu como língua na região durante o Império Acádico (c. 2334 – 2154 A.E.C.).

Já as línguas semíticas ocidentais, também conhecidas como línguas semíticas norocidentais, ou línguas semíticas levantinas, que são o ugarítico, o amorita, o cananeu e o aramaico, surgiram como variações entre c. 2400 a 2050 A.E.C., período correspondente à Idade do Bronze Primitiva III B e IV, em que ocorre o progresso da urbanização no Levante Norte e o desenvolvimento do Reino de Ebla com a sua própria escrita (em c. 2400 A.E.C.), juntamente com o colapso da urbanização no Levante Sul, obrigando os habitantes a criarem ovelhas para exclusivamente serem tosquiadas e a sua lã ser vendida para o Egito – neste período, a carne do gado ovino não é consumida –; e caracterizado pela migração dos amoritas para o sul da Mesopotâmia (c. 2200 A.E.C.).

PRIMEIROS CONTATOS DOS EGÍPCIOS COM OS SEMITAS

O contato mais antigo dos egípcios com os povos orientais no Sinai e no sul de Canaã se deu antes do final do 4º milênio A.E.C.¹⁰. Houve também uma presença egípcia ao sul do Sinai na época da Dinastia 0 para a 1ª Dinastia (c. 3200 – 2867 A.E.C.)¹¹, no distrito de mineração ao sul do Sinai, localizada no rio Ameyra, a noroeste de *Serabit el-Khadin*¹². Há outra gravura no Rótulo da Sandália de Marfim de Hipopótamo do rei Den (c. 2914 – 2867 A.E.C.) da 1ª Dinastia, encontrada em Abidos¹³, na qual o monarca é desenhado batendo na cabeça do morador do deserto, de cabelos longos, provavelmente semita/asiático originário da região do Sinai, em um terreno arenoso e montanhoso (HOFFMEIER *et al*, 2016, p. 285).

Na *Autobiografia de Weni*¹⁴, general da 6ª Dinastia durante o reinado de Pepi I (c. 2335 – 2285 A.E.C.), apresenta sobre o treinamento de soldados observados pelo rei composto de corrida, arco e flecha, natação, luta corporal e combate armado, algo que seria característica básica do treinamento militar egípcio até a introdução do cavalo e das carruagens de batalha por Ahmés I (c. 1550 – 1525 A.E.C.) no começo da 18ª Dinastia. Uma das motivações de Weni era proteger o Egito dos povos asiáticos¹⁵.

Representações de relevo fragmentário do templo mortuário do rei Montuhotep II (c. 2050 – 1999 A.E.C.) da 11ª Dinastia no complexo de templos mortuários de *Deir el-Bahari*, e uma pintura de parede bem preservada do túmulo de seu general Antef na Necrópole de *El-Assasi*¹⁶, mostram imagens de guerra com os asiáticos, tais como a invasão dos soldados egípcios a fortificações guardadas com asiáticos de pele clara, o que são evidências de uma presença asiática substancial durante o Primeiro Período Intermediário (c. 2213 – 1999 A.E.C.) (BIETAK, 2010, p. 145).

OS SEMITAS NO ANTIGO EGITO

Houve um fluxo semita na cidade de *Khata'na-Qantir*, localizada a Sudeste de Aváris. A sua construção mais antiga provavelmente ocorreu durante o reinado de Amenemhet I (c. 1980 – 1951 A.E.C.), onde foi estabelecida uma fortaleza e um grande centro para o comércio estrangeiro, cuja importância aumentou principalmente durante a gestão de Amenemhet III (c. 1859 – 1814 A.E.C.).



Khata'na-Qantir foi colocada estrategicamente para realizar tanto viagens fluviais quanto terrestres. A sua localização se situava em uma rota de caravana que permitia aos nômades asiáticos viagens para o Egito urbanizado, e muitos dos que chegaram, habitaram a cidade e as suas proximidades durante a 12ª Dinastia.

Também há registro de semitas oriundos da região do Levante chegando ao Egito da época da 12ª Dinastia (c. 1980 – 1801 A.E.C.), como o apresentando na pintura datada dos reinados de Amenemhet II (c. 1918 – 1884 A.E.C.) e Senwseret II (c. 1886 – 1878 A.E.C.) da tumba do nomarca Khnumhotep II¹⁷ que retrata oito homens, quatro mulheres e três crianças, cujas roupas, sandálias, estilos de cabelo, assim como os objetos que eles carregam, os distingue claramente como não-egípcios, que são denominados em sua prancha de escrita como os “Aamu de Shu”.

Na referência “*Aamu de Shu*”, o termo “*Aamu*” é traduzido como “*Asiáticos*”, e possivelmente tenha relação com os fluxos migratórios ocorridos durante os séculos XX e XIX A.E.C. do grupo semítico amorita pela Mesopotâmia (c. 2200 A.E.C.) e Levante Norte (c. 2000 A.E.C.). Por sua vez, o termo “*Shu*” é associado à sua terra de origem, correspondente ao Levante Sul, ou região de Canaã, localizada a leste do Rio Jordão e do Mar Morto. Durante o mesmo período, houve a migração dos semitas do Levante Norte para o Egito, correspondentes aos Hicsos (BIETAK, 2010, p. 139).

Após a chegada dos semitas oriundos do Levante Sul e Norte, houve uma evidência substancial de seu status dentro da sociedade egípcia com as seguintes características: 1ª) um rápido aumento do número de semitas durante a 13ª Dinastia e o início do Segundo Período Intermediário (c. 1803 – 1549 A.E.C.); 2ª) presença de homens e mulheres semitas trabalhando e vivendo entre os egípcios de classe média e alta; 3ª) aceitação dos semitas nas esferas social, administrativa e militar; 4ª) semitas participando de deveres religiosos e atividades diárias no Egito; 5ª) representações artísticas dos semitas como egípcios¹⁸; 6ª) falta de representações belicosas dos semitas após o reinado de Senweseret III (c. 1878 – 1839 A.E.C.), o que caracterizou um período de paz entre egípcios e semitas; 7ª) controle da elite sobre o comércio com o norte, principalmente com o Levante Norte, durante a 13ª Dinastia.

ASCENSÃO E QUEDA DAS 13ª E 14ª DINASTIAS

Na época da rainha Nefrusobek ou Sobekneferure (c. 1805 – 1801 A.E.C.) (MALEK, 1999, p. 205, 430)¹⁹ da 12ª Dinastia, houve a ascensão da 13ª Dinastia do Delta do Nilo (c. 1803 – 1649 A.E.C.)²⁰ que toma o poder em c. 1803 A.E.C. Como rival da 13ª Dinastia, surge a 14ª Dinastia dos semitas do Levante Sul ou cananeus²¹ (c. 1805 – 1649 A.E.C.)²², cujo ápice foi com o rei Nehesy (c. 1705 A.E.C.).

A capital do Egito durante a 13ª Dinastia era Itjtawy, desde a sua fundação em c. 1963 A.E.C. pelo rei Amenemhat I (c. 1980 – 1951 A.E.C.) da 12ª Dinastia, como “Amenemhat - Itjtawy”, que significa “Amenemhat toma controle das duas terras”, a do Baixo Egito no norte, e a do Alto Egito no Sul.

A história da 13ª Dinastia pode se dividir em quatro períodos com base em certas mudanças políticas: 1º) Do reinado de Sebekhotep I até Seth Meribre (c. 1803 – 1749 A.E.C.)²³ – período de produção material em Itjtawy com frequência oscilante sobre os seus governantes²⁴; 2º) Do rei Sebekhotep III até o rei Sebekhotep IV (c. 1749 – 1720 A.E.C.), período de prosperidade e de grande produção material sobre seus governantes; 3º) Do rei Sebekhotep IV até o rei Aya (c. 1720 – 1677 A.E.C.), caracterizado pela transferência e permanência para Mênfis; 4º) Dos reis subsequentes a Aya (c. 1677 – 1649 A.E.C.) marcado pelo abandono de Mênfis e do domínio pleno do Egito (RYHOLT, 1997, p. 296)²⁵.

Um fato interessante neste período foi a ascensão do rei da 13ª Dinastia, Khendjer²⁶, que reinou em Itjtawy entre c. 1764 – 1759 A.E.C.. Ele é conhecido como o rei semita mais antigo de uma dinastia nativa egípcia, possivelmente oriundo do Levante Norte, similar aos Hicsos²⁷, como também por construir duas pirâmides de tijolos de barro em sua própria homenagem, uma em Dahshur²⁸ e outra em Saqqara²⁹.

A história da 14ª Dinastia pode ser dividida em dois períodos principais: 1º) Do reinado de Yakbim até Sheshi (c. 1805 – 1705 A.E.C.); 2º) Do rei Nehesy e seus sucessores (c. 1705 – 1649 A.E.C.) (RYHOLT, 1997, p. 299). A primeira metade da 14ª Dinastia foi dominada por reis predominantemente de origem semita na seguinte ordem: Yakbin (c. 1805 – 1780 A.E.C.), Ya'ammu (c. 1780 – 1770 A.E.C.), Qareh (c. 1770 – 1760 A.E.C.), 'Ammu (c. 1760 – 1745 A.E.C.) e Sheshi (c. 1745 – 1705 A.E.C.)³⁰. Durante



esta primeira fase, os reis comandavam um pequeno Estado no Delta do Nilo, cuja capital poderia corresponder ao local de Aváris antes de sua fundação, ou mesmo a cidade de *Khata'na-Qantir*, e controlavam uma complexa rede comercial com o Levante, a 13ª Dinastia, e com a Núbia ao Sul, o que justifica o seu crescimento econômico.

Sheshi (c. 1745 – 1705 A.E.C.), devido às relações próximas com a Núbia, como o interesse pelos seus recursos, casou-se com uma princesa cushita chamada Tati, e provavelmente fundou a cidade de Aváris, que se tornaria a capital da 14ª e da 15ª Dinastias em c. 1730 A.E.C., durante o período do rei Sebekhotep IV (c. 1732 – 1720 A.E.C.) da 13ª Dinastia.

O último grande governante a reinar em Itjtawy foi Sebekhotep IV (c. 1732 – 1720 A.E.C.), durante a 13ª Dinastia. Após o seu reinado, a capital foi transferida para Mênfis, devido a sua melhor localização estratégica ao norte, a partir de onde o controle era exercido sobre o Egito.

O rei Nehesy³¹ sucedeu o seu pai Sheshi em c. 1705 A.E.C., reinando em Aváris, como resultado da aliança com os cushitas, sendo denominado como “o Núbio” por tal fato (RYHOLT, 1997, p. 94,299). Nehesy é proclamado na inscrição de uma estátua deste período como “o filho mais velho real, Nehesy, amado de Seth, senhor de Aváris”³², que é tida como a primeira evidência de um culto ao deus Seth em Aváris, assim como o primeiro registro do nome Aváris no Egito (MOURAD, 2014, p. 92). Dessa forma, o deus Seth egípcio, como deus do caos e das tempestades, tornou-se o epíteto do deus Hadda, que era o deus das tempestades e da fertilidade atestado em Ebla para os semitas de Aváris durante a 14ª e a 15ª Dinastias³³. Este período era próspero para as 13ª e 14ª Dinastias do Egito.

O reinado de Nehesy durou menos de um ano. Após a sua morte, foi marcado pelo fim da prosperidade da 14ª Dinastia, e inaugurou a sua segunda fase, caracterizada por diversos reis efêmeros³⁴, além da fome e das epidemias em Aváris, que fugiam do controle administrativo (RYHOLT, 1997, p. 300)³⁵.

A 13ª Dinastia em Mênfis também passou pelos mesmos problemas da 14ª Dinastia, como de reis efêmeros³⁶ e falta de atividade monumental. O seu último rei foi Aya (c.1701 – 1677 A.E.C.). Após a sua morte, na quarta e última fase da 13ª Dinastia, o seu sucessor, Ini (c. 1677 – 1675 A.E.C.) mudou a capital para Tebas, porém, apenas como capital do Sul ou do Alto Egito, e não como capital do Alto (Sul) e do Baixo (Norte) Egito, ou seja, de todo o Egito, dando vacância ao reinado sobre a capital em Mênfis e a plena governança do Egito por abandono³⁷ até a tomada administrativa dos Hicsos em c. 1649 A.E.C.

Com os c. 30 anos de abandono da 13ª Dinastia ao governo de Mênfis e de todo o Egito, a rede de comércio que esta possuía com 14ª Dinastia ficou prejudicada, levando à sua crise subsequente, um dos fatores que motivou a ascensão de poder da 15ª Dinastia.

O PERÍODO DOS HICSOS

Tanto epidemia e a fome que assolou Aváris quanto o abandono de Mênfis pela 13ª Dinastia contribuíram para a ascensão dos Hicsos ao poder. A circunstância que ambas as capitais se encontravam neste contexto possibilitou as suas respectivas tomadas pela 15ª Dinastia sem grande esforço, o que se compreende que a tomada de Aváris e Mênfis pelos Hicsos teve um teor mais administrativo do que belicoso³⁸.

Na mesma época da tomada de Mênfis pelos “Grandes Hicsos” da 15ª (c. 1649 A.E.C.), a 16ª Dinastia, conhecida como os “Hicsos Menores”, tomou Tebas devido à fraqueza da 13ª Dinastia, e governou a capital do Alto Egito (Sul) até c. 1582 A.E.C., quando esta foi tomada pela 15ª Dinastia. Após o evento, os “Hicsos Menores” se tornaram vassalos dos “Grandes Hicsos” (RYHOLT, 1997, p. 189). Entre c. 1588 – 1582 A.E.C., devido ao mesmo problema das 13ª e 14ª Dinastias de muitos reis em tão pouco tempo³⁹, houve a decadência da 16ª Dinastia, o que deu lugar a ascensão da 17ª Dinastia em c. 1580 A.E.C. em Tebas, que durou até c. 1549 A.E.C. (RYHOLT, 1997, p. 201-202)⁴⁰. Os reis da 17ª Dinastia se consideravam descendentes da 13ª Dinastia, apesar de ambas as dinastias serem compostas por governantes de famílias diferentes.

Durante os períodos da 13ª e 14ª Dinastias, em Aváris, há a predominância de cerâmica com tipologia originária do Levante Norte, e não do Levante Sul (BIETAK, 2010, p. 151), identificando os Hicsos como levantinos da região da Síria e Líbano, mas não como levantinos da região de Canaã.



Contudo, com relação à cultura produzida pelos Hicsos a partir da 15ª Dinastia em sua capital Aváris, o conceito de etnicidade é extremamente difícil de aplicar devido à natureza dinâmica e a interação complexa de fenômenos sociais.

Entende-se que no período da 13ª e 14ª Dinastias, os Hicsos, como habitantes da Aváris, apenas sabiam fazer um tipo de cerâmica similar à encontrada no Levante Norte, oriunda de seus ancestrais. Mas durante a 15ª Dinastia, houve maior interação com a cultura egípcia e os Hicsos aprenderam a fazer um novo tipo de cerâmica distinto do que faziam, pois a sua técnica já não era similar a de seus antepassados do Levante Norte. Como se percebe, os Hicsos estavam no Egito desde o começo da 12ª Dinastia (c. 1980 A.E.C.), e durante a 15ª Dinastia (c. 1649 – 1535 A.E.C.). Pelo fato de viverem por séculos na região do Delta do Nilo, talvez nem se considerassem mais semitas.

Nas pinturas egípcias, os Hicsos, como os semitas de uma forma geral, eram sempre destacados como mais pálidos e não bronzeados como os nativos egípcios. Sobre a materialidade encontrada na capital dos Hicsos, Aváris, a partir da 15ª Dinastia (c. 1649 – 1535 A.E.C.), ao mesmo tempo há uma “egipcianidade” nas construções dos pequenos templos ou capelas em menor número, e elementos culturais de um caráter marcadamente “não egípcio” na dominância dos grandes templos, identificados com a cultura do Levante. Ou seja, a capital Aváris é uma cidade com costumes egípcios e levantinos. E pela dominância da etnia semítica da população, poderia haver tanto Hicsos que gostavam de templos no modelo egípcio, quanto Hicsos que gostavam de templos no modelo levantino, pois na população, havia as duas preferências de templos que não correspondem a um caráter étnico.

Quanto à identidade dos reis da 15ª Dinastia, houve reis que usavam em seus nomes a designação egípcia *Heka-Chasut*, em grego *Hicsos*, que significa “Senhores de Terras Estrangeiras”, tais como Semqen, Aperanat, Sakir-har (c. 1649 – 1590 A.E.C.)⁴¹ e Khamudi (c. 1549 – 1535 A.E.C.). Dos reis referidos, apenas Khamudi usava tanto o seu título regular de rei – *Hotepibre* – quanto à designação egípcia – *Heka-Chasut* – em seu nome (RYHOLT, 1997, p. 121). E dois deles possuíam nomes semíticos: 1º) Sakir-Har – *Sikru-Haddu*, “Celebração de Haddu” (RYHOLT, 1997, p. 128); e 2º) Aperanat – “Poeira de Anatu”⁴².

A princípio, a 17ª Dinastia era vassala da 15ª Dinastia, até que seus dois últimos reis, Seqenenre Tao⁴³ (c. 1558 – 1554 A.E.C.) e Kamés (c. 1554 – 1549 A.E.C.) investiram contra os Hicsos, contudo, não foram bem sucedidos. O rei Ahmés I (c. 1550 – 1525 A.E.C.)⁴⁴, filho de Seqenenre Tao e irmão de Kamés, inaugurador da 18ª Dinastia, foi o responsável pela introdução dos carros de batalha e dos cavalos na guerra importados do Império Hitita e do Reino Mitani. O aumento do poderio bélico de Ahmés I permitiu que ele subisse ao poder sem grandes dificuldades.⁴⁵

OS HICSOS NO EGITO APÓS A 15ª DINASTIA

Apepi (c. 1590 – 1549 A.E.C.) da 15ª Dinastia foi o rei de todo o Egito até aproximadamente o começo do reinado de Seqenenre Tao em c. 1558 A.E.C.⁴⁶ da 17ª Dinastia, que libertou o Alto Egito da vassalagem dos governantes Hicsos. Os reis Seqenenre Tao (c. 1558 – 1554 A.E.C.) e Kamés (c. 1554 – 1549 A.E.C.), lutaram contra a dominação e suserania dos Hicsos, mas não obtiveram êxito. Ahmés I, filho de Seqenenre Tao e irmão de Kamés, fundador da 18ª Dinastia, é considerado o reunificador do Egito por ser o rei do Alto Egito, da capital Tebas, e ter conquistado Mênfis e derrotado a 15ª Dinastia, tornando-se rei de todo o Egito.

Percebe-se que a luta pela disputa de poder entre a 17ª e a 15ª Dinastias pelo domínio de todo o Egito foi caracterizada pelo discurso propagandista dos reis da 17ª Dinastia contra Apepi por julgá-lo incapaz de governar o Egito pelo fato de ter aparência asiática⁴⁷. Contudo, era um discurso oriundo dos reis da 17ª Dinastia, que apenas eles definiam os governantes da 15ª Dinastia como “asiáticos”, e pelo fato de não haver reconstruções sobre os Hicsos em novos contextos além do da luta contra a 15ª Dinastia, entende-se que as suas lembranças não foram forjadas em uma identidade cultural, como algo que só servia para os interesses da 17ª Dinastia, e os demais egípcios da época não possuíam a mínima identificação.

Por meio deste discurso e com as tropas poderosas equipadas com cavalos e carruagens de batalha, Ahmés I, que deu sequência à 17ª Dinastia com a fundação da 18ª Dinastia, sobe ao poder



sem a necessidade de expulsar os Hicsos do Egito. Contudo, ele ordenou que todos os registros sobre a 15ª Dinastia fossem apagados para que não se restasse memórias sobre esta.

Quanto ao episódio de Sharuhem, sabe-se hoje que não houve a expulsão dos Hicsos do Egito, pois eles serviram como trabalhadores durante a 18ª Dinastia. Provavelmente o rei Ahmés I ordenou a suas tropas com carruagens de guerra lideradas por alguma autoridade militar a partir de Tebas para destruir a cidade⁴⁸. Sharuhem voltou a ser reconstruída c. 52 anos após a morte de Ahmés I, durante a gestão do enteado, então rei Tutmés III, que usaria posteriormente o título de Faraó, e da madrasta rainha Hatshepsut (c. 1473 – 1458 A.E.C.), com a interação pacífica entre os egípcios e os cananeus nativos da cidade sem sinais de conflitos, visando colocá-la como ponto comercial entre o Egito e o Chipre.

Os Hicsos, após a tomada de Aváris pelo rei Ahmés I, continuaram sendo úteis para a 18ª Dinastia, servindo em várias funções, como artesãos, metalúrgicos, produtores de vinho, estribeiros, soldados, cocheiros, marinheiros e construtores navais, principalmente no porto de Peru-Néfer construído durante este período, e posteriormente na capital da 19ª Dinastia, Pi-Ramsés, ambas na região de Aváris (BIETAK, 2010, p. 170-171).

Além da região de Aváris, os Hicsos também permaneceram em Mênfis por serem responsáveis pela reestruturação da capital egípcia do norte durante a 15ª Dinastia. Os Hicsos remanescentes a partir da conquista de Ahmés I eram as pessoas que estavam por de trás da continuidade dos cultos cananeus na região de Aváris que contribuíram de muitas maneiras para o desenvolvimento da cultura e da sociedade do Império Novo (c. 1535 – 1070 A.E.C.)⁴⁹, por construírem uma tradição local duradoura nesta região, mantida viva pelas instalações de culto dos deuses cananeus, principalmente do Seth de Aváris, pelo menos até o período das batalhas finais contra os Povos do Mar de Ramsés III (c. 1175 A.E.C.) (BIETAK, 2010, p. 170 – 171)⁵⁰, que gerou declínio político e econômico até o final do reinado do Faraó Ramsés VI (c. 1133 A.E.C.) (MORKOT, 2016, p. 257).

LEVANTINOS NO EGITO DA 18ª À 20ª DINASTIA.

As relações com a nova migração semítica começam com a expansão territorial da 18ª Dinastia do Egito, a partir da Batalha de Megiddo (c. 1457 A.E.C.)⁵¹ pelo controle sobre a região do Levante Norte e Sul, cujo desfecho foi a vitória do então rei Tutmés III (c. 1479 – 1425 A.E.C.) sobre Kadesh, Megiddo e os povos cananeus, que antes da Batalha, eram livres e independentes. Liderados por Durusha, o rei de Kadesh, perderam e se tornaram vassalos do Egito⁵². Em seguida, no período de c. 1451 – 1448 A.E.C., Tutmés III garante o controle sobre o Levante Norte.

O título de Faraó para Tutmés III foi consequência de sua gestão no Levante iniciada com a vitória na Batalha de Megiddo caracterizada por três práticas: 1ª) demonstração de poder através de suas campanhas pelo Levante Sul e Norte; 2ª) ensino aos filhos dos reis locais do Levante conquistado por ele, que seriam enviados ao Egito para terem educação dos suseranos, e ao mesmo tempo, prepará-los para substituírem os seus pais visando fidelidade aos seus governantes; 3ª) casamentos diplomáticos com as filhas dos reis locais do Levante dominado por ele, pois teve três esposas da região norte: Menhet, Menwi e Merti. Além do método original e diferenciado de administração tê-lo feito o primeiro rei do Egito a usar o título de Faraó, a sua gestão com estas práticas durou c. 33 anos até a sua morte⁵³.

Também houve migração cananéia para o Egito de diversas classes sociais. Foram encontrados objetos materiais cananeus datados da 18ª Dinastia com estilo diferentes dos manufaturados pelos egípcios, tais como torneiras, aplicações em estampas bordadas inversas, filtros de aço para beber⁵⁴, que são indicadores culturais mais úteis por serem característicos dos cananeus da região, diferentes de pulseiras, pentes e incrustações de caixas decorativas, que podem ser de manufatura estrangeira originalmente, mas pelo corrente uso nas famílias egípcias, podem ser de autoria tanto cananéia quanto egípcia⁵⁵.

Até mesmo o diferencial cultural era expresso nos cananeus de alta classe social por haver pertences relacionados com a sua origem, o que não acontecia com os cananeus de baixa classe social, que muitas vezes não se identificavam com a cultura de seus antepassados. Contudo, houve cananeus que



se assimilaram na cultura egípcia com o passar dos anos e faziam uso exclusivo dos trajes egípcios, pois mesmo que usem nomes e epítetos cananeus, visualmente, não há como afirmar que sejam cananeus na prática vivendo no Egito, por não ser adequado buscar um único padrão comportamento cananeu em um contexto de estrangeiros assimilados.

A ELITE EGÍPCIA E OS POVOS LEVANTINOS

Nesta época, houve contatos dos Faraós e dos oficiais egípcios com os levantinos e sua cultura. O deus semítico Resheph – associado às pragas –, e a deusa semítica Ashtoreth – associada à fertilidade, à sexualidade e à guerra – de acordo com a *Estela do Faraó Amenhotep II* (c. 1427 – 1400 A.E.C.) encontrada na Esfinge de Gizé, entraram no panteão egípcio como divindades da guerra, também relacionados a cavalos e carruagens de batalha (KOPETZKY; BIETAK, 2016, p. 363).

É encontrado o desenho de uma cena na Tumba do Prefeito de Tebas, Kenamun⁵⁶, da gestão do Faraó Amenhotep III (c. 1390 – 1352 A.E.C.) que apresenta navios mercantes do Levante Norte atracados no porto de Tebas, em que há três fornecedores, dois homens e uma mulher, em estandes na doca, demonstrando o contato comercial do Levante Norte com o Egito. Na túnica funeral do Faraó Tutancâmon (c. 1333 – 1327 A.E.C.), encontrada em sua tumba⁵⁷, há desenhos decorativos que combinam elementos levantinos e egípcios.

Datada do começo da 19ª Dinastia (c. 1292 – 1290 A.E.C.) e descoberta em Ras Shamra⁵⁸, há a *Estela de Mami*, escriba do Faraó Ramsés I que viveu durante muito tempo em Ugarit, o que levou a absorção da cultura local, e fez com que escrevesse o conteúdo da Estela em hieróglifos egípcios a sua dedicação ao deus Baal de Zefon⁵⁹, devotado como humano em trajes egípcios. A dedicação escrita na *Estela de Mami* é considerada até o momento como a referência egípcia mais antiga do deus Baal, cujo primeiro registro vem dos Textos de Ugarit (c. 1400 A.E.C.).

Na *Estela dos 400 Anos* a época do Faraó Ramsés II (c. 1279 – 1212 A.E.C.) descoberta em Tânis, a nordeste do Rio Nilo, que originalmente havia sido erigida em Aváris, provavelmente dentro do templo de Seth, há uma imagem de Ramsés II oferecendo vinho a Seth, como deus totalmente antropomórfico, usando a coroa e a saia masculina de Baal. Na estela, ao datar os 400 anos, refere-se ao reinado de Seth, e não do Faraó Ramsés II. De acordo com a Estela, a dinastia de Ramsés II foi estabelecida por Seth, ligando a ancestralidade do Faraó com os 400 anos de Seth, e escolhendo o deus para a sua ancestralidade dinástica (BIETAK, 2010, p. 146). Aqui já aponta a ligação de Baal com Seth de maneira mais plausível, desenhando Baal como Seth no Egito, devido o contato dos egípcios com o Levante iniciado por Tutmés III.

Apesar da devoção a Seth ser muito comum neste período, também em indivíduos da população comum egípcia, assim como os nomes relacionados ao deus, a família real da 19ª Dinastia possuía diversos membros com uma referência ao deus Seth em seu nome, que eram: 1) Sety, o pai do futuro Faraó Ramsés I (c. 1292 – 1290 A.E.C.); 2) o Faraó Seti I (c. 1291 – 1278 A.E.C.); 3) cinco filhos do Faraó Ramsés II (c. 1279 – 1212 A.E.C.): Sethhirschopshef, Sethemwia, Seti, Ramsés-Meryseth, e Sethemnhacht; 4) o filho do Faraó Merneptah (c. 1212 – 1202 A.E.C.)⁶⁰ chamado Seth-Merneptah, que mais tarde seria o Faraó Seti II (c. 1199 – 1193 A.E.C.); 5) e um filho do Faraó Seti II também chamado Seth-Merneptah⁶¹.

A deusa Qudshu surge na mitologia egípcia a partir da 19ª Dinastia provavelmente criada pelos descendentes dos imigrantes levantinos e é apenas identificada no Egito⁶². De acordo com a *Estela de Deir el-Medina*⁶³ do período do Faraó Ramsés II (c. 1279 – 1212 A.E.C.) na 19ª Dinastia, há a deusa Qudshu, cuja nudez frontal sugere sexualidade e fertilidade, estando em pé nas costas de um leão, segurando uma cobra em sua mão esquerda e uma lótus em sua mão direita, com ambos os braços estendidos lateralmente, entre dois deuses: 1º) À sua esquerda, o deus semítico da guerra e do trovão Resheph que a deusa oferece uma serpente; 2º) À sua direita, o deus egípcio coberto como uma múmia e itifálico⁶⁴ da potência sexual Min, que a deusa oferece lírios.

Conforme a representação da deusa na *Estela das Três Deusas*⁶⁵ do período do Faraó Ramsés III (c. 1182 – 1151 A.E.C.) na 19ª Dinastia em que há a inscrição “Qudshu-Astarte-Anat”, compreendendo-se que a Qudshu foi introduzida ao longo dos cultos de Astarte e Anat durante a 18ª Dinastia, devido à sua associação às duas deusas encontrada na estela. As deusas Astarte e Anat possuem a conotação sexual e a natureza belicosa.



Ao se demonstrar, por exemplo, a relação da Qudshu com a Astarte, provavelmente, desde o expansionismo de Tutmés III (c. 1457 A.E.C.), a deusa Astarte era pintada montada em um cavalo em movimento e empunhando suas armas, que eram escudo, maça ou espada. Segundo a representação da *Estela de Astarte e Resheph*⁶⁶ datada do final da 18ª Dinastia, na época do Faraó Horemheb (c. 1323 – 1295 A.E.C.), a Astarte era entronizada nas costas de um cavalo⁶⁷, em que o equino corria com ela com escudo e espada, as mesmas armas que Resheph usava na gravura. Conforme os dados apresentados, sugere-se a relação da deusa Qudshu com as deusas Astarte e Anat como factual neste contexto, juntamente com a sexualidade, a fertilidade e a guerra.

FIM DO IMPÉRIO NOVO E DAS MIGRAÇÕES LEVANTINAS

O Fim do Império Novo é datado a partir das batalhas finais contra os Povos do Mar (c. 1175 A.E.C.), que gerou declínio político e econômico até o final do reinado do Faraó Ramsés VI (c. 1133 A.E.C.) (MORKOT, 2016, p. 257). Após este período até o final da 20ª Dinastia em c. 1070 A.E.C., pode-se denominar como “Império Novo”, contudo, com Faraós menos expressivos, e com a administração egípcia mais decadente. O período de c. 1279 – 1133 A.E.C. também caracteriza o fim da Idade do Bronze Tardia no Egito, juntamente com o fim do controle do Império Egípcio por meio do uso militar e das guerras, o que levou posteriormente ao declínio de seu poder e da sua representação entre os demais povos estrangeiros da época, o seu colapso, e crise econômica interna.

Quando Ramsés II (c. 1279 – 1212 A.E.C.) lutou contra o rei hitita Muwatalli II (c. 1295 – 1272 A.E.C.), na Batalha de Kadesh (c. 1274 A.E.C.), o exército hitita foi obrigado a recuar, porém, os egípcios não tiveram sucesso em capturar Kadesh pelo fato de não ter condições de manter o cerco da cidade. Após isto, houve diversos conflitos fronteiriços entre egípcios e hititas, nos quais um não poderia derrotar o outro decisivamente, e continuaria sem um vencedor da guerra. Isto levou ao *Tratado de Kadesh* de c. 1258 A.E.C., em que Ramsés II e o rei hitita Hatusilli II (c. 1267 – 1237 A.E.C.) negociaram um tratado de paz que consistia na reciprocidade entre o Egito e o Império Hitita: 1) Na paz; 2) Na ausência dos atos de agressão; 3) No repatriamento de refugiados políticos e criminosos; 4) Na repressão de rebeliões; 5) No auxílio no caso de ameaça estrangeira.

Todavia, o problema da crise começou na gestão de Ramsés II⁶⁸, que incluiu integrantes dos povos do mar (Denen, Lukka, Sherden e Peleset) que haviam sido capturados durante a invasão do 2º ano de seu reinado (c. 1277 A.E.C.) em seu exército na Batalha de Kadesh, e fala que os Sherden haviam chegado um século antes na região (c. 1400 A.E.C.) e se aliado à tribo Libu (atual Líbia), e que Ramsés II havia sido forçado a se defender contra as suas tentativas de estabelecer controle no oeste do Egito.

Certamente, neste período de decadência do Egito, a desintegração do Império Hitita na derrota do rei Tudhaliya IV (c. 1237 – 1209 A.E.C.) contra Tukulti-Ninurta I (c. 1243 – 1207 A.E.C.) da Assíria na Batalha de Nihiriya (c. 1230 A.E.C.), teve repercussões pela região do Nilo.

Durante o 5º ano do Faraó Merneptah (c. 1207 A.E.C.)⁶⁹, os egípcios tiveram que lidar com um ataque do rei líbio Meryey, que foi apoiado por mercenários de vários grupos denominados “Povos do Mar”, que eram os Sherden, Shekelesh, Ekwesh, Lukka e Teresh. Merneptah conseguiu derrotar esta coalizão e impedir que o rei da Líbia Meryey se estabelecesse no Delta do Nilo definitivamente.

Sobre a narrativa da expulsão dos asiáticos encontrada na *Estela de Sethnakht* em Elefantina⁷⁰ (c. 1183 A.E.C.), que não é oriunda do próprio faraó, mas de um narrador e/ou escritor que o exalta, esta ocorre em um contexto em que o Faraó Sethnakht (c. 1185 – 1183 A.E.C.) sobe ao trono egípcio, funda a 20ª Dinastia, e gera rebeliões em cidades do Levante Norte que eram parte do Egito por não aceitarem o novo governante e considerarem-no como um usurpador⁷¹. Provavelmente, Sethnakht não expulsou asiáticos do território egípcio conforme a narrativa encontrada na Estela⁷².

Quando houve novas invasões dos Povos do Mar entre c. 1177 – 1175 A.E.C., os Amurru, vasalos do Império Hitita nesta época, invadiram o território egípcio do Levante Norte expulsando-os de lá. Seu filho e sucessor, Ramsés III (c. 1182 – 1151 A.E.C.), destruiu o território dos Amurru como punição por violação às fronteiras egípcias, assim como os reinos do Levante Norte que rebelaram contra a ascensão de seu pai, e as cidades do Império Hitita próximas aos Amurru que estavam envolvidas na expulsão dos Povos do Mar no Levante Norte.



Houve ataques dos Povos do Mar durante o reinado do Faraó Ramsés III⁷³. O primeiro ocorreu em c. 1177 A.E.C., ao se aliarem aos líbios quando eles novamente tentaram dominar o Delta do Nilo e fracassaram. Em c. 1175 A.E.C., os Povos do Mar lançaram uma invasão combinada de terra e mar que resultou na “Batalha de Djahy” e na “Batalha do Delta”, em que houve vitória egípcia seguida de enfraquecimento econômico e territorial⁷⁴.

O declínio econômico e político prosseguiu irrecuperável, principalmente pela escassez de cobre para a fabricação de bronze no Egito, que foi parcialmente compensada pelas explorações das minas do Sinai, encontradas em Maghara, Bir Nasb e Timna, onde o Faraó Ramsés III, e os seus filhos, Ramsés IV (c. 1151 – 1145 A.E.C.)⁷⁵ e Ramsés VI (c. 1141 – 1133 A.E.C.), continuaram ativos. Ambos os faraós filhos de Ramsés III são os últimos reis do Novo Império cujos nomes são atestados em fragmentos de parede gravados, bem como em dois pilares do templo de Hathor de *Serabit el-Khadim* no Sinai, onde eles enviaram expedições para extrair minério de cobre (DIJKSTRA, 2017, p. 70, n. 61-62).

Nesta época, o Egito ainda pode ter exercido algum tipo de poder ou ainda ter algumas conexões com os remanescentes de seu Império no Levante⁷⁶. A presença egípcia foi encerrada com as suas últimas tropas deixando o sul e o oeste de Canaã durante ou logo após o reinado de Ramsés VI, e conseqüentemente, a fronteira entre o Egito e o exterior recuou até os limites de uma linha fortificada que unia o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho⁷⁷.

Devido à chegada dos Povos do Mar na planície costeira do Levante durante o reinado do Faraó Ramsés III, surgiram opositores a hegemonia egípcia de origem local, provavelmente das cidades região de Canaã, o que levou a retirada dos egípcios do território. A perda de todas as fronteiras levantinas restringiu ainda mais a economia redistributiva da sociedade do Novo Império do Egito, privando os reis subseqüentes de grande parte de sua legitimidade (BURKE et al., 2017, p. 85).

Em consequência ao ocorrido, o Egito perdeu a sua atratividade, tanto política quanto econômica, e as suas cidades não recebiam mais imigrantes da região do Levante que poderiam levar a sua contribuição à cultura egípcia como anteriormente. As migrações para o Egito continuaram, contudo, nada semelhantes ao que se ocorreu durante os 9 séculos de convivência dos semitas na região do Delta do Nilo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o desenvolvido no presente artigo, houve grande importância dos semitas no território egípcio que durou c. 9 séculos. Nas 13^a, 14^a e 15^a Dinastias governaram semitas no Egito, assim como teve a 19^a Dinastia que apreciou a devoção semita ao deus Seth, por admiração aos Hicsos. Percebe-se que nas migrações semíticas – a primeira e a segunda predominantemente no Alto Egito, e a terceira, inaugurada por Tutmés III intensamente no Baixo Egito – não visavam às principais capitais egípcias de acordo com as pesquisas, dando a compreender que em um primeiro momento, necessitavam de facilidade de comunicação com os seus conterrâneos, que não seria tão fácil com os egípcios.

Há momentos em que os semitas se distinguem dos egípcios como na adoração à Seth como epíteto do deus Hadda eblaíta e do Haddu amorita nos períodos da 13^a, 14^a e 15^a Dinastias, algo que não se pode afirmar na migração semítica inaugurada pelo Faraó Tutmés III, em que houve maior relação intercultural entre levantinos e egípcios, ao ponto dos egípcios se tornarem devotos dos deuses do Levante.

Sobre o Seth egípcio que é adorado pelos semitas como o Hadda eblaíta e o Haddu amorita nas 13^a, 14^a e 15^a Dinastias, e como o Baal na 19^a Dinastia, pelo fato de Seth ser o deus de Aváris e não ser considerado muito comum nos títulos regulares dos reis não semitas, ele era sempre associado aos semitas de Aváris. Tal associação se manteve durante a 19^a Dinastia com o Faraó Ramsés II, mas no contexto de Seth como Baal, em uma época de valorização às devoções semíticas de Aváris pela referida dinastia.

As relações interculturais são marcadas principalmente durante a 15^a Dinastia dos Hicsos, e na nova migração levantina durante a 18^a Dinastia pós-Tutmés III, em que houve caracterizações nos ambientes semítico-levantinos nas quais não se poderia diferenciar os elementos egípcios dos elementos semitas, ocorrendo desde novas formas de produção de cerâmica até preferências dos egípcios



pela produção semítico-levantina, e preferências dos semíticos por ambientes egípcios ou levantinos.

Não há indicação nas pesquisas contemporâneas sobre a expulsão de semitas-levantinos do Egito, o que leva a compreender as narrativas de sua expulsão pelos governantes do Nilo como mais propagandistas, ideológicas e fictícias do que uma prática factual, pois os egípcios continuaram a conviver e a depender de diversas formas dos semitas do Levante e de seus descendentes. Principalmente os descendentes dos imigrantes egípcios da primeira (c. 1980 – 1814 A.E.C.) e da segunda (c. 1803 – 1549 A.E.C.) ondas, que provavelmente se sentiam mais egípcios do que levantinos.

O plano expansionista do Faraó Tutmés III visando à dominação permanente do Levante tornou o Egito mais atrativo para todas as classes sociais, desde os filhos dos reis levantinos que seriam versados na cultura egípcia, até os não nobres que visavam habitar principalmente no Baixo Egito. Contudo, este plano durou até o período das batalhas finais contra os Povos do Mar de Ramsés III, que gerou declínio político e econômico até o final do reinado do Faraó Ramsés VI.

O investimento econômico sobre o poder bélico foi um dos fatores responsáveis pela decadência do Egito, pela própria guerra contra os Povos do Mar e pela manutenção dos territórios conquistados por mera demonstração de poder e por represálias militares egípcias, ao ponto de faltar cobre para a manufatura do bronze, e dos Faraós egípcios precisarem extrair cobre nas minas do Sinai, na região do Levante Sul. Neste período de fraqueza egípcia, houve opositores da região costeira de Canaã que não queriam mais os egípcios no local, o que levou a retirada das tropas egípcias do Levante até o final do reinado de Ramsés VI (c. 1133 A.E.C.), quando o Egito recuou as suas fronteiras aos limites de uma linha fortificada que unia o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho.

Após esta época, o Egito não foi mais o mesmo, e não despertava mais o interesse semítico-levantino como anteriormente. O período de c. 9 séculos de semitas no Egito foi ímpar para a cultura do Nilo e trouxe grandes contribuições, principalmente religiosas, reconhecidas pelos próprios egípcios. É uma época bastante estudada e desperta grande interesse a pesquisadores que desejam se aprofundar no conhecimento sobre o Egito Antigo. Houve migrações posteriores de povos semíticos ao Egito, mas nada parecido com este período das migrações levantinas, em que houve um grande desenvolvimento cultural e intercultural em diversos aspectos entre os nativos egípcios e os imigrantes semítico-levantinos.

Notas

- 1 A.E.C. – Antes da Era Comum.
- 2 O título “Faraó” significa “Grande Casa”, e foi utilizado pela primeira vez como título de rei do Egito por Tutmés III, conforme a inscrição encontrada na Tumba Tebana de nº 200 do oficial Dedi datada dos reinados dos Faraós Tutmés III e Amenhotep II (c. 1458 – 1400 A.E.C.) da Necrópole de Tebas, localizada à margem oeste do Nilo, em frente à Tebas, atual Lúxor, no Alto Egito (Sul), que possuía o título de “Chefe das Companhias do Faraó Tutmés”.
- 3 Aluvião é um depósito de sedimentos clásticos (areia, cascalho ou lama) formado por um sistema fluvial no leito e nas margens da drenagem, incluindo as planícies de inundação e as áreas deltaicas, com material mais fino extravasado dos canais nas cheias.
- 4 O lodo também é denominado limo, ou silte, caracterizado como um húmus composto de lama (de densidade situada entre a areia e a argila) e sedimentos (cuja origem mineral é o quartzo e o feldspato).
- 5 Por este motivo, os antigos egípcios se autodenominavam como *Remet-em-Kemet*, ou seja, “Povo do Kemet”, em que *Kemet*, significa “Negro”, que fazia alusão ao lodo produzido pelo Rio Nilo, que era o motivo da sua subsistência e existência.
- 6 Os limites do Crescente Fértil onde os proto-semitas se dirigiram estão localizados na Cordilheira de Zagros, a leste, e nos Montes Taurus, a oeste, que são regiões montanhosas atualmente localizadas ao leste da Turquia, ao norte do Iraque, e ao oeste do Irã.
- 7 O termo “Crescente Fértil” foi a denominação dada à região correspondente ao Egito e à Mesopotâmia como um semicírculo imaginário, utilizado pela primeira vez pelo arqueólogo James Henry Breasted (1865-1935), na sua obra *“Ancient Records of Egypt”*, de 1906.
- 8 Que corresponde a atual região da Síria.
- 9 Chega-se a esta conclusão pelo fato do Ebláita, a língua semítica oriental mais antiga, ser atestada na região em c.



- 2400 A.E.C., o que corresponde a um núcleo proto-semítico e de ramificação das línguas semíticas pela região.
- 10 Há evidências através da presença de quantidades significativas de cerâmica egípcia datadas da Idade do Bronze Primitiva I (EBI, c. 3500 – 3050 A.E.C.) em cinco sítios ficam próximos à região de Besor e Gaza: *Tell es-Sakan, en-Besor, Tel Ma'ahaz e Taur Ikhebeineh*, localizados na região do Rio Besor, e no sítio localizado no rio *el-Arish*, próximo a cidade beduína de *Sheikh Suweid* na província norte do Sinai, perto da fronteira com a Faixa de Gaza.
 - 11 Há um grafite como nome do rei Iri-Hor (c. 3100 A.E.C.) da Dinastia 0, e dos reis Narmer (c. 3007 – 2975 A.E.C.) e Djer (c. 2974 – 2927 A.E.C.) da 1ª Dinastia.
 - 12 Localiza-se a Sudoeste da Península do Sinai, no Egito.
 - 13 Localiza-se a c. 11 km a oeste do Nilo, perto das modernas cidades egípcias de *El-'Araba El-Madfuna e Al-Balyana*. Na antiga língua egípcia, a cidade era chamada de *Abdju*.
 - 14 A *Autobiografia de Weni* foi encontrada em sua mastaba (túmulo do Antigo Egito similar a uma capela funerária em forma piramidal). Como inscrição de tumba, foi descoberta no cemitério central ao Norte de Abidos em 1880. Atualmente está localizada no *Museu Egípcio do Cairo*.
 - 15 O termo que é empregado na *Autobiografia de Weni* em língua egípcia é “*Heka-Khasut*”, que significa “*Senhores de Terras Estrangeiras*”, que seria posteriormente por Mâneto, ser aplicado aos reis semitas da 15ª Dinastia, com o termo egípcio helenizado para “*Hyksos*”. “*Heka-Khasut*”, assim como “*Aamu*”, são termos que costumam ser traduzidos como “*Asiáticos*”, fazendo alusão aos povos semitas do Levante Norte e Sul.
 - 16 *El-Asassif e Deir el-Bahari* fazem parte das Necrópoles de Tebas, no sul do Egito. A necrópole de *El-Asassif* possui túmulos das 18ª, 25ª e 26ª Dinastias. O túmulo do general Antef encontrado em *El-Asassif* é uma exceção aos demais túmulos, por se tratar de um general da 11ª Dinastia subalterno de Montuhotep II (BIETAK, 2010, p. 145).
 - 17 Os *nomos* continuaram a existir durante o Egito Dinástico. Khnumhotep II, como nomarca, era o líder do *Nomo do Órix*, durante a gestão dos reis Amenemhat II e Senweseret II. O *Nomo do Órix* era o 16º *Nomo* da região do Alto Egito, e um dos 42 *nomos* de todo o Império Egípcio nesta época. O Órix que representava o *Nomo* era o *Óryx Dammah*, conhecido como Órix-do-Saara ou Órix-Branco, é uma espécie de mamífero da família dos bovídeos (gado ruminante), encontrado no Norte da África pela região do Saara, principalmente nas proximidades da atual cidade de Minya, no Médio Egito. Atualmente, não existem mais animais encontrados na natureza da espécie. Apenas há os domesticados.
 - 18 Os egípcios costumam ser pintados como mais bronzeados do que os semitas. Os egípcios não eram tão distintos dos semitas fisionomicamente, pois possuíam fenótipo próximo ao dos antigos habitantes do Levante como Fenícios e Hebreus (WATSON, 2017, p. 17). Sabe-se que era de costume dos egípcios se bronzearem com material feito a partir de vargens de Acácia Nilótica, o que não era e nem se tornou praxe dos semitas.
 - 19 Opta-se pela datação de Malek da 12ª Dinastia por ser mais próxima à datação de Ryholt da 13ª Dinastia por colocar a última (13ª) como subsequente a anterior (12ª), e não concomitante como apresentam as demais datações conhecidas, o que prejudica a cronologia das dinastias egípcias.
 - 20 As datações, das dinastias egípcias são extremamente discutidas de uma maneira geral. Todavia, estabelece-se o fim da 13ª e da 14ª Dinastias em c. 1649 A.E.C. fundamentadas em Ryholt, que constatou um período de escassez, fome e epidemia a partir do final do reinado de Nehesy em c 1705 A.E.C., que caracterizou a crise em ambas as dinastias e a constante alteração de reis referida por Mâneto na *Aegyptiaca* com 76 reis e na *Lista de Turim* com c. 56 reis, o que levou a ascensão dos Hicsos como a 15ª Dinastia com a tomada de Aváris e posteriormente de Mênfis em 1649 A.E.C.
 - 21 Houve dinastias egípcias que dominaram o Delta do Nilo simultaneamente, como a 13ª e a 14ª Dinastias.
 - 22 A 14ª Dinastia ainda permanece misteriosa pelo fato de não terem sido descobertos os nomes de todos os seus reis. Mâneto, em sua obra sobre a História do Egito solicitada por Ptolomeu III Evérgeta que reinou na Alexandria entre c. 246 – 222 A.E.C., denominada *Aegyptiaca*, afirma que a 14ª Dinastia reinou na cidade de Xoís, que corresponde hoje a cidade de Sakha, a 135 km do Cairo, e que nela reinaram 76 reis, algo que não é aceito desde a descoberta da estátua da 14ª Dinastia em 1894 por Edouard Naville em *Tell el-Muqdam*, localizado na Província de Damietta, na foz do Rio Nilo, próximo ao Mar Mediterrâneo, no Egito (MOURAD, 2014, p. 92), indicando o rei Nehesy de c. 1705 A.E.C., um dos poucos comprovadamente da 14ª Dinastia, com a inscrição do seu epíteto “amado de Seth, senhor de Aváris”, tendo Aváris como a capital do Egito e não Xoís; e Seth, equivalente ao Hadda eblaíta e ao Haddu amorita, como a divindade principal da cidade como indício de sua pertença semítica.
 - 23 Apesar da relação do deus Seth com o deus da tempestade semítico, que é o Hadda eblaíta e o Haddu amorita, não há discussão sobre o rei Seth Meribre ser de origem semítica, inclusive pelo fato de não haver



- muitos dados encontrados sobre ele. A questão sobre a origem semítica do rei da 2ª Dinastia Seth Peribsen (c. 2735 – 2724 A.E.C.) fica fora de questão neste contexto devido à ausência do fluxo semítico no Egito, e costuma-se associar a divindade Seth devido a sua devoção ao animal “sha” ou Seth, que cujo desenho é similar ao de um canídeo galgo ou chacal com a cabeça similar a de uma girafa, o que era incomum aos reis do Egito, que sempre associavam a sua devoção ao falcão, símbolo do deus Hórus.
- 24 Nesta época, os reis que possuem registros além de seus nomes são: 1º) Sebekhotep I (c. 1803 – 1800 A.E.C.), com um reinado bem documentado; 2º) Ameny Qemau (c. 1793 – 1791 A.E.C.), sepultado na pirâmide que construiu em Dahshur; 3º) Hor I (c. 1777 – 1775 A.E.C.), cujo rico túmulo foi encontrado praticamente intacto; 4º) Amenemhat VII (c. 1769 – 1766 A.E.C.), bem documentado em estelas e outros documentos; e 5º) Imyremeshaw (c. 1759 – 1749 A.E.C.), atestado em dois colossos. Quanto aos demais reis deste primeiro período, não há produção material tão destacável em comparação aos cinco reis referidos.
 - 25 Aqui, há uma adaptação da divisão de Ryholt, colocando o fim da 2ª fase da 13ª Dinastia com o rei Sebekhotep IV, por este ser o último grande rei a governar em Itjtawy, e o começo da 3ª fase com o seu sucessor, Sebekhotep V, que corresponde ao começo do reinado em Mênfis.
 - 26 O nome “*Khendjer*” possui origem semítica e é pouco atestado na língua egípcia. Da raiz semítica *h(n)zr*, o nome “*Khendjer*” significa “javali”, cuja pronúncia semítica pode ser “*rendzer*”, cuja palavra com o “h” aspirado, que se torna um “k” fricativo (“*kh*”) na língua egípcia, e a pronúncia “dz” semítica se torna “dj” no egípcio antigo. A palavra “javali” é atestada nas línguas semíticas como *huziru* em Acádico, *hinzir* em Árabe, *hazira* em Aramaico, *hazir* em Hebraico Bíblico, *hu-zi-ri* nos textos de Nuzi, *hnzr* em Ugarit, e *hi-zi-ri* em Amorita (RYHOLT, 1997, p. 220). Pela proximidade do nome “*Khendjer*” com a raiz semítica *h(n)zr* e com a palavra *hnzr* em Ugarit, há a possibilidade do rei ter a mesma origem dos Hicsos, que eram do Levante Norte, atual Síria, e pelo fato da cidade de Ugarit corresponder ao norte da mesma região.
 - 27 Anteriormente, considerava-se de forma errônea o rei Ameny Qemau (c. 1758 – 1757 A.E.C.) como “o Asiático”, o que não é mais aceito atualmente pelos egiptólogos.
 - 28 Dahshur é uma necrópole real localizada no deserto, na margem oeste do Nilo, a c. (c. de cerca) a 40 km ao sul do Cairo.
 - 29 Saqqara é um antigo cemitério que cobre uma área de c. 7 por 1,5 km que serviu como necrópole da antiga capital, Mênfis, aproximadamente a 30 km ao sul do Cairo
 - 30 Houve contestação dos reis Yakbin, Ammu e Sheshi como não reconhecidos do período da 14ª Dinastia pelo fato do exame estratigráfico (dos estratos ou camadas de rocha de uma representatividade de área, buscando determinar processos e eventos que as formaram, assim como a história física) dos escaravelhos (amuletos populares e selos de impressão) com os seus nomes corresponder ao período da 15ª Dinastia, tendo os três reis talvez como vassalos dos Hicsos pertencentes a 16ª Dinastia, também composta de reis semitas (BENTOR; ALLEN; ALLEN, 1999, p. 66), algo que possui problemas metodológicos segundo o próprio Ryholt, pois não é legítimo se supor que os escaravelhos sejam a priori contemporâneos aos contextos em que foram encontrados, pois estes eram usados ao longo de gerações antes de serem guardados definitivamente, e devem ser analisados sempre individualmente, e não simplesmente datados de seu contexto arqueológico. Há três escaravelhos de Sheshi datados da época do Faraó Tutmés III (c 1479 – 1425 A.E.C.) da 18ª Dinastia c. 200 anos posterior à 16ª Dinastia: dois encontrados em *Kom Medinet Ghurab* (vila localizada a c. 3 km ao sul de Lahum, na entrada da região do Oasis de Faiyum, na beira do deserto) e um encontrado em Esna (localizada à margem ocidental do Rio Nilo, a c. 55 km de Lúxor), assim como 60 selos de impressão de Sheshi encontrados em Cartago datados do II século A.E.C., o que tira a sustentação da contestação. Ryholt também afirma que uma nova datação dos reis trás sérias implicações para a análise da 14ª Dinastia como entidade política, e por desvalorizar a diferenciação da cultura semítica levantina de *Tell el-Dab’a* (Aváris) perante a cultura tradicional egípcia da 12ª Dinastia ocorrida em seu final (c. 1831 – 1773 A.E.C.) (RYHOLT, 2010, p. 120-122).
 - 31 O termo *nHsy* (Nehesy) significa “O Núbio”. Os núbios são povos negróides nativos do atual Sudão e do sul do Egito, descendentes dos falantes do idioma Proto-Nigero-Congolês deslocados das terras altas do Saara em c. 10000 A.E.C.. O dado mais antigo de cultura material dos núbios constatado na região se localiza no cemitério arqueológico de Qustul na província de Aswah, no extremo sul do Egito, através da Cultura do Grupo A, que foi uma antiga civilização que floresceu entre a Primeira e a Segunda Cataratas do Rio Nilo na Núbia em c. 3800 – 3100 A.E.C.
 - 32 Estátua descoberta em 1894 em *Tell el-Muqdam* (MOURAD, 2014, p. 92).
 - 33 Sobre as divindades semíticas da tempestade, ainda há maior plausibilidade na relação de Seth com o Hadda atestado nos *Tabletes de Ebla*, datado de c. 2400 A.E.C., e com o Haddu atestado em Mari de c. 1825 A.E.C., do que com o Baal atestado nos textos de Ugarit, de c. 1400 A.E.C. Conforme o já referido, os semitas



- oriundos do Levante chegaram ao Egito na cidade de *Khata'na-Qantir* em c. 1980 – 1951 A.E.C., ou até em período anterior, mas próximo a este. A divindade Hadda atestada em Ebla é datada de c. 2400 A.E.C. E o Haddu em Mari é atestado da época da sua Dinastia Amorita Lin (c. 1830 – 1761 A.E.C), mais precisamente nos *Textos de Execração* de c. 1825 A.E.C. encontrados por Georges Posener em 1940, relacionada com a migração semítica ocorrida no Egito entre a 13ª Dinastia e o início do Segundo Período Intermediário (c. 1803 – 1549 A.E.C.). Sobre o Baal de Ugarit, a datação é bem posterior, de 1400 A.E.C. Há maior plausibilidade que os semitas do Egito desta época conhecessem ao Hadda eblaíta e ao Haddu amorita ao invés de Baal como divindade.
- 34 Há o rei Ya'qub-Har, considerado como rei semítico da 14ª Dinastia pós-Nehesy, contudo, a sua posição cronológica não está clara (RYHOLT, 1997, p. 300).
- 35 Nas estratificações de *Tell el-Dab'a* correspondentes à 14ª Dinastia média/tardia, há sepulturas desta época que não eram protegidas, e os corpos eram jogados nas covas, muitas vezes, uns sobre os outros, o que caracteriza uma época de fome e de epidemia muito grande.
- 36 No caso da 13ª Dinastia, acredita-se que neste período, o desenvolvimento dinástico foi substituído por uma espécie de “eleição” ao cargo de rei por um tempo indefinido, o que justificaria a constante alteração de seus governantes.
- 37 Chega-se a esta conclusão devido ao rei Aya ser o último rei da 13ª Dinastia que é atestado em objetos tanto no Norte quanto no Sul do Egito, ao passo que os seus sucessores desde Ini, só tem objetos atestados no Sul do Egito, indicando c. 30 anos de Egito sem administração plena, e sem governança em Mênfis.
- 38 Mesmo que Ryholt (1997, p. 166, 303) afirme que o caráter dos Hicsos seja mais imperialista do que a 14ª Dinastia, a tomada de Aváris e de Mênfis não ocorreu em circunstâncias de guerra, pois eles tinham pela frente uma Aváris devastada pela fome e pela epidemia mal-administrada, e uma Mênfis abandonada pelos seus principais governantes, o que leva a entender que as tomadas de Aváris e Mênfis foram tomadas sem esforço bélico. De acordo com estas evidências arqueológicas, percebe-se que a tomada de Mênfis pelos Hicsos não ocorreu conforme a obra *Contra Apião* de Flávio Josefo, citando a *Aegyptiaca* de Mâneto como invasão belicosa pelo rei dos Hicsos, Salitis contra o rei da 13ª Dinastia Tutimaio ou Timaios. A identificação de Salitis como rei permanece indefinida, e Tutimaio ou Timaios é identificado como o rei Dudemose II (c. 1588 – 1582 A.E.C.) da 16ª Dinastia (RYHOLT, 1997, p. 202).
- 39 Há em média, um rei por ano conhecidos até o momento, conhece-se a ordem, mas se desconhece o período em que governaram.
- 40 A obra *Disputa de Apepi e Seqenenre Tao*, que narra a luta entre os dois reis, é datada da 19ª Dinastia, c. 300 anos após o reinado de ambos, durante o reinado do Faraó Ramsés II (c. 1279 – 1212 A.E.C.), que em sua gestão propagou o Egito como “o país guerreiro e vitorioso nas batalhas”, e os escritos deste período relacionados aos reis antecessores teriam um caráter mais mítico e ficcional do que uma comprovação histórica em si.
- 41 Sabe-se que os três reis existiram, contudo, ainda há questões não resolvidas sobre datação e sucessão de pleito.
- 42 Opta-se pela deusa Anatu, ao invés de Anat por questões contextuais, buscando evitar anacronismos. O registro mais antigo que se tem da divindade Anatu, que é o mais plausível de ser aplicado é o do *Épico de Gilgamesh*, datado de c. 2100 A.E.C. da época da 3ª Dinastia Suméria de Ur, que passou para a literatura semítica, mais precisamente na língua babilônica antiga – ramificação da língua acádica – com diversas versões. A mais antiga encontrada é datada de c. 1800 A.E.C., composta de algumas tabuinhas, intitulada *Shútur eli Sharrí* (“*Superando todos os outros Reis*”). Pelo fato dos antigos babilônios serem amoritas, pode-se especular que a divindade Anatu chegou ao Egito durante a migração semítica ocorrida entre a 13ª Dinastia e o início do Segundo Período Intermediário (c. 1803 – 1549 A.E.C.), mas não por semitas de Ebla ou de Mari, mas por semitas amoritas que saíram da Babilônia, foram para Ebla, e finalmente se radicaram no Egito. O termo Anat só aparece a partir dos Textos de Ugarit (c. 1400 A.E.C.). Os termos para a mesma divindade Anat ou Anatu encontrados em Ebla e Mari são extremamente diferentes. Em Ebla é Ashtar, e em Mari é Athtart. Nos Textos de Ugarit (c. 1400 A.E.C.), apesar de possuir as deusas Anat e Atirat, são de data posterior à da 15ª Dinastia (c. 1649 – 1535 A.E.C.). Apenas o termo Anatu, que é similar a Anat foi transmitido para os Hicsos no Egito. Como o termo Anat oriundo de Ugarit não é familiar aos Hicsos por ter surgido c. 135 anos após a sua queda no Levante Norte, dá-se a compreender que o termo Anatu entre os Hicsos pode ser oriundo de migração semítica ocorrida entre a 13ª Dinastia de semitas amoritas que saíram da Babilônia, foram para Ebla, e finalmente se radicaram no Egito.
- 43 Atualmente, não se denomina o rei Seqenenre Tao erroneamente de “Tao II”, como se o seu antecessor e pai Senakhtenre Ahmés (c. 1558 – 1558 A.E.C.) também tivesse o nome de Tao e seria o “Tao I”. Devido à



- descoberta de duas inscrições na porta de um celeiro descoberto nas proximidades do Templo de Ptah, em Karnak, com o rei Senakhtenre Ahmés, que permitem que ele seja identificado com mais precisão como rei da 17ª Dinastia, e resolvem as incertezas sobre o seu nome de nascimento, que é “Ahmés”, conclui-se que ele nunca teve o nome “Tao”. Apenas houve um rei que o seu nome de nascimento era Tao, que foi Seqenenre. O nome de nascimento de Senakhtenre era Ahmés, e nunca foi Tao.
- 44 Com relação aos seus antecessores da 17ª Dinastia, Seqenenre Tao e Kamés, como combatentes contra os Hicsos, a narrativa sobre eles possui um conteúdo mais ficcional do que factual, pois poderia ser dirigido a leitores da época da 19ª Dinastia que conheciam os fatos. Sobre o rei Seqenenre Tao, a narrativa de que ele foi morto em batalha pelos Hicsos não procede devido o que se constata quanto à perícia de sua múmia, pois pode ter sido assassinado enquanto dormia ou morto sacrificialmente (DEAN, 2017, p. 131-132). De acordo com a perícia realizada na múmia de Seqenenre Tao, possivelmente ele foi golpeado com uma espada *khopesh*, cuja manufatura era baseada na foice por ser uma espada curvada, utilizada tanto na guerra quanto em contextos rituais (DEAN, 2017, p. 52-56). A espada *khopesh* possui o seu registro mais antigo no Egito dos *Textos dos Sarcófagos* de c. 2213 A.E.C., e substituiu o cetro como símbolo de autoridade do Faraó, e o primeiro a ser pintado com esta em batalha foi Ramsés II (c. 1279 – 1212 A.E.C.). No final da 18ª Dinastia a *khopesh* substituiu de fato o machado de batalha como principal arma militar egípcia (DEAN, 2017, p. 54).
- 45 Diversas fontes têm os Hicsos como os introdutores do cavalo, da carruagem de batalha puxada pelo cavalo e do arco no Egito, contudo, as descobertas não tomam este rumo. Desde o começo das escavações em *Tell el-Dab'a*, que corresponde a cidade de Aváris, iniciadas em 1885, não há vestígios de nada relacionado a carruagens na antiga capital dos Hicsos. Já os cavalos, no contexto dos Hicsos, não eram utilizados para guerra, mas sim, em sacrifícios religiosos. Mesmo que se argumente que Ahmés mandou apagar todos os registros dos Hicsos existentes no Egito, ao menos deveria existir algum sinal de cavalos e carruagens de batalha em *Tell el-Dab'a* como o orgulho do exército dos Hicsos, mas isto não é fato. O registro mais antigo e mais seguro sobre carruagens de batalha no Egito surge na Tumba de Paheri, nomarca da 18ª Dinastia, durante os reinados de Tutmés II, Hatshepsut e Tutmés III (c. 1492 – 1425 A.E.C.). Contudo, devido à conquista de Ahmés I sobre os Hicsos e o grau da destruição de Sharuhem pelos egípcios datado desta época, estudiosos sugerem que os cavalos e carruagens de batalha foram introduzidos no arsenal militar pela 18ª Dinastia logo em seu início. Na *Segunda Estela de Kamés* (c. 1551 A.E.C.), há a narrativa traduzida como “cavalos de carruagem” que é considerada fora de contexto, anacrônica, cujo termo egípcio “*t3-nt-htr*” em seu devido contexto deve ser traduzido como “grupos de cavalo”, pois o equídeo já era conhecido na região durante esta época, e não a carruagem, que foi introduzida por Ahmés I no começo da 18ª Dinastia. Antes desta, não existem tais registros, que se tornam mais frequentes após a sua escrita.
- 46 Os reis passageiros da 16ª Dinastia são contemporâneos aos primeiros anos de Apepi como rei de todo Egito. Com a crise da 16ª Dinastia em Tebas, após a tomada de poder, a 17ª Dinastia provavelmente estruturou a administração da sua capital para depois combater os Hicsos. Consta que as lutas pela disputa de poder da 17ª Dinastia contra o rei Apepi começaram durante a gestão do rei Seqenenre Tao da 17ª Dinastia. Contudo, o escrito mais contemporâneo das disputas entre o rei Apepi e a 17ª Dinastia é a *Segunda Estela de Kamés* (c. 1551 A.E.C.), que mesmo assim, deve ser percebido mais como uma homenagem ao rei do que um relato factual histórico, porém em menor grau devido à contemporaneidade do documento. Acredita-se que aconteceu uma guerra de Seqenenre Tao e depois o seu filho Kamés contra Apepi, contudo, não de acordo com as exatas narrativas dos escritos envolvendo os eventos da guerra entre a 15ª e a 17ª Dinastias do Egito.
- 47 Conforme o relatado Na *Segunda Estela de Kamés* (c. 1551 A.E.C.).
- 48 Atualmente, conclui-se que a cidade de Sharuhem corresponda a *Tell el-Ajjul* pelo fato de literatura egípcia conhecida que faz referência à cidade (*A Autobiografia de Ahmés, Filho de Ebana; O Prólogo dos Anais de Tutmés III; e A Lista Topográfica de Amarna de Ramsés II*) dar a localização da cidade de Sharuhem, e esta corresponde ao atual sítio de *Tell el-Ajjul*. Apesar dos escritos serem datados da 19ª Dinastia, deduz-se que Sharuhem era uma cidade conhecida nesta época, e não se tratava de um mito. Também no sítio de *Tell el-Ajjul* foram encontradas construções de túneis para fugir da cidade em caso de cerco, pois há a narrativa do cerco de três anos da cidade de Sharuhem realizado pelo rei Ahmés I. Apesar de se datar a destruição de Sharuhem c. 50 anos entre o final do Segundo Período Intermediário e o começo da 18ª Dinastia (c 1575 – 1525 A.E.C.), entende-se que a cidade passou por destruição provavelmente no período do rei Ahmés I, por possuir melhor arsenal bélico do que os seus antecessores para realizar tal destruição. Conclui-se que Ahmés I não realizou o cerco a Sharuhem pessoalmente pelo fato de só existir a narrativa sobre este evento na *Autobiografia de Ahmés* da 19ª Dinastia, e não há nenhuma narrativa do próprio Ahmés I sobre o cerco e a conquista de Sharuhem, pois os reis raramente comemoravam batalhas que não tomavam parte, além de ser desconhecida atualmente alguma estrutura dos templos que usualmente celebrava as vitórias dos reis datadas da gestão dos primeiros reis 18ª Dinastia.



- 49 O Fim do Império Novo é datado a partir das batalhas finais contra os Povos do Mar (c. 1175 A.E.C.), que gerou declínio político e econômico até o final do reinado do Faraó Ramsés VI (c. 1133 A.E.C.) (MORKOT, 2016, p. 257). Após este período até o final da 20ª Dinastia em c. 1070 A.E.C., pode-se denominar como “Império Novo”, contudo, com Faraós menos expressivos, e com a administração egípcia mais decadente.
- 50 Sharuhem corresponde ao atual sítio de *Tell el-‘Ajjul*, está localizada na entrada do Rio Besor, ao sul da cidade de Gaza. Não se descarta a hipótese de uma pequena parte dos Hicsos ter se mudado para Sharuhem, contudo, não há evidências de uma expulsão dos Hicsos do Egito por Ahmés I de acordo com as referências encontradas em Mâneto e em Josefo, mas sim de uma utilização dos Hicsos em prol da 18ª Dinastia. Aparentemente, os Hicsos que permaneceram em Mênfis e na região de Aváris se identificavam mais com os egípcios do que com os habitantes de Sharuhem, por se situarem na região do Delta do Nilo durante c. 450 anos até a queda da 15ª Dinastia (c. 1535 A.E.C.), e permaneceram em identidade mais c. 110 anos, até o final do reinado de Tutmés III (c. 1425 A.E.C) durante a 18ª Dinastia (BIETAK, 2010, p. 170). As evidências arqueológicas levam a entender que o conteúdo da *Autobiografia de Ahmés, Filho de Ebana* (Ahmés soldado, não o rei) sobre a vitória de Ahmés I sobre os Hicsos não é factual, pois há estratégias que, conforme os indícios arqueológicos, eram desnecessárias e nunca foram aplicadas neste contexto. Há também a questão da cidade de Sharuhem como palco do fim dos Hicsos ser uma invenção literária datada da 19ª Dinastia, pelo fato do nome cidade ocorrer apenas em duas outras fontes egípcias além da *Autobiografia*, que são *O Prólogo dos Anais de Tutmés III* e *A Lista Topográfica de Amarna de Ramsés II*, e todas poderem ser datadas de c. 1279 – 1212 A.E.C.. Sugere-se que a referida *Autobiografia* foi escrita e dirigida ao público do período da 19ª Dinastia que possuía ciência de dos fatos ocorridos e não tomava o conteúdo desta como verdade absoluta das coisas. Descarta-se a hipótese da imigração maciça dos Hicsos para Sharuhem pelo fato da cerâmica nesta época (c. 1535 A.E.C.) ser predominantemente cananéia no Levante Sul sem vestígios egípcios, e não se afirma que tal imigração ocorreu sem ao menos encontrar cerâmicas ou imitações desta oriundas da região do Egito (BIETAK, 2010, p. 151). Nesta época, a cidade de Sharuhem foi destruída pelas tropas egípcias provavelmente por ordem de Ahmés I a um comandante, e não com a presença do rei. A reconstrução e a egiptianização de Sharuhem ocorreu c. 52 anos após a morte de Ahmés I, durante a gestão do então rei Tutmés III, que usaria posteriormente o título de Faraó, e da sua madrasta, a rainha Hatshepsut (c. 1473 – 1458 A.E.C.), com os seus nomes atestados em cartuchos egípcios (placas de forma oblonga em que se escrevia o nome dos reis), mas não há descobertas de egiptianização na cerâmica. Neste contexto, houve interação pacífica entre os egípcios e os cananeus nativos de Sharuhem.
- 51 Sabe-se que a cidade Sharuhem também serviu de base militar egípcia antes da Batalha de Megiddo durante a gestão de Tutmés III e de Hatshepsut (c. 1473 – 1458 A.E.C.).
- 52 Percebe-se que o apresentado sobre os reis Ahmés I (c. 1550 – 1525 A.E.C.) e Tutmés I (c. 1504 -1492 A.E.C.) nos *Anais de Tutmés III*, na *Estela de Armant* e na *Autobiografia de Ahmés, Filho de Ebana*, não foram campanhas de conquista de guerra. No caso de Ahmés I sobre Sharuhem, tratou-se de um treinamento militar visando testar o poderio bélico egípcio na cidade, pois houve a destruição da cidade, porém, não houve dominação subsequente até a gestão do então rei Tutmés III e de sua madrasta, a rainha Hatshepsut; e foi um exercício militar ministrado por um comandante egípcio por ordem de Ahmés I, e não uma ação direta do próprio rei do Egito. Com Tutmés I sobre a ida ao Reino Mitanni pelo Levante Norte, foi caracterizada como uma expedição militar, e não como uma campanha de guerra, pois, e mesmo o Reino Mitanni sendo vassalo do Império Hitita era mais poderoso do que os egípcios, o que já seria derrota declarada para Tutmés I em caso de combate, e conseqüentemente não houve nenhuma conquista egípcia na região. Mediante a estes pareceres, entende-se que Tutmés III criou uma história não factual para legitimar a sua conquista pessoal do Levante como oriunda de uma dinastia guerreira baseada em seus ancestrais. Sobre a narrativa dos *Anais de Tutmés III*, ainda é considerada mais viável a parte em que Tutmés I erigiu uma estela em Carquemish e ter retornado para o sul por não se exaltar conquistas inexistentes, apesar da *Estela de Carquemish* até o momento não ter sido encontrada. Contudo, não há plena credibilidade em seu conteúdo devido à narrativa de ambos os reis, Tutmés I e Tutmés III, repetir os mesmos episódios, tais como a caça a elefantes. Não se pode dar certeza que Tutmés III (c. 1479-1425 A.E.C) combateu o Reino Mitanni pelo fato da possibilidade da Estela encontrada em *Tel el-‘Oreimeh* ser da época do Faraó Amenhotep II (c. 1427-1400 A.E.C).
- 53 Não se atribui a Tutmés III a responsabilidade pela desfiguração dos monumentos da madrasta Hatshepsut para a sua posse como Faraó, pois esta é datada de c. 15 após a sua morte, e não foi ato imediato à sua posse. Tutmés III continuou governando o Egito c. 33 anos após a morte da madrasta. Sugere-se que tenha sido ato alheio as ordens de Tutmés III por ele ter deixado os monumentos intactos durante tanto tempo. Consta que o relacionamento entre Tutmés III e a sua madrasta Hatshepsut não possuía rivalidades. Ambos governaram o Egito cooperativamente. Hatshepsut confiou o exército egípcio nas mãos de Tutmés III, que por sua vez, nunca o voltou contra ela. Tutmés III construiu a sua casa funerária ao lado da de Hatshepsut. Mediante a



- estes dados, não há base para se afirmar que Hatshepsut era uma madrasta malvada que usurpou o trono egípcio e rebaixou o enteado para uma posição inferior, como foi divulgado por muito tempo.
- 54 Similares às bombas gaúchas de beber chimarrão.
 - 55 Todos os materiais foram encontrados nos sítios de *Tell el-Dab'a* (Aváris) ao sul do Egito, *Tell el-Maskhuta* (Pitom no contexto da 15ª à 20ª Dinastia), *Tell el-Yehudiyeh* (Neytahut no contexto da 15ª à 19ª Dinastias), *Tell Heboua* (Tjaru), *Kom Rabi'a* (Mênfis) e *Gurob* (Merwer), ao norte do Egito.
 - 56 Corresponde à Tumba Tebana de nº 162 da Necrópole de Tebas, localizada à margem oeste do Nilo, em frente à Tebas, atual Lúxor, no Alto Egito (Sul).
 - 57 Corresponde à KV (“*King’s Valley*” – Vale dos Reis) de nº 62 do Vale dos Reis, localizado à margem oeste do Nilo, em frente à Tebas, atual Lúxor, no Alto Egito (Sul), no centro da Necrópole de Tebas.
 - 58 Corresponde à Ugarit.
 - 59 Zefon é o nome ugarítico do Monte Hermon. Baal de Zefon também era chamado pelos egípcios de Seth Zepouna.
 - 60 O Faraó Merneptah é autor do conteúdo da *Estela de Merneptah* (c. 1207 A.E.C.) que possui a referência mais antiga conhecida do nome “Israel”, onde afirma que destruiu a sua semente.
 - 61 Atualmente, não se acredita que a 19ª Dinastia seja descendente da 15ª Dinastia devido a sua devoção à Seth. Percebe-se como uma Dinastia identificada com Seth e a cultura dos Hicsos, que fez uso de suas práticas e devoções religiosas, e se legitimou sobre estas (BIETAK, 2010, p. 146).
 - 62 Pelo fato de existir registros de representações pictográficas da Qudshu, reconhece-se a admissão da elite pela divindade, e não como uma expressão religiosa exclusivamente popular dos imigrantes levantinos.
 - 63 *Deir el-Medina* se localiza na margem oeste do Nilo, do outro lado do rio da atual cidade de Lúxor, e foi o lar dos artesãos que trabalharam nas tumbas do Vale dos Reis da 18ª à 20ª Dinastia. Há dois modelos da *Estela de Deir el-Medina*. Um mais bem detalhado e conservado atualmente localizado no Museu Egípcio em Turim, na Itália, e outro localizado no Museu Britânico em Londres, na Inglaterra.
 - 64 Representado com ereção peniana.
 - 65 Encontrada na Universidade de Winchester, em Hampshire, na Inglaterra.
 - 66 Também chamada de *Estela de Tel el-Borg*, encontrada no Sinai.
 - 67 No desenho da estela, as pernas do próprio trono em que a Astarte se encontra sentada estavam nas costas do cavalo, não se tratava de uma cela adaptada em forma de “cadeira real”.
 - 68 Segundo o relato encontrado nas *Inscrições de Kadesh* datadas de seu 8º ano de reinado (c. 1271 A.E.C.), que se trata de uma variedade de inscrições em hieróglifos egípcios que descrevem a Batalha de Kadesh, as inscrições se encontram em três formas: 1ª) Poema: a) No pilar do Templo de Lúxor, ao lado norte de ambas as torres; b) Em Karnak, no lado externo do muro ao sul do Grande Salão Hipostilo (teto sustentado por colunas); c) No Templo de Ramsés II em Abidos; 2ª) Boletim: a) Na primeira sala no muro norte do Grande Templo de Abu Simbel, que é uma aldeia na Núbia perto da fronteira com o Sudão, situada a 230 km da margem ocidental do Lago Nasser, e a 300 km a sudoeste de Aswan; b) No lado oeste do primeiro pilar do Ramesseum; c) No pilar do lado sul do Templo de Lúxor; 3ª) Relevos: a) No lado externo dos muros do Templo de Ramsés II em Abidos; b) No 1º e no 2º pilar do Ramesseum; c) Em Karnak; d) No pilar do Templo de Lúxor; e) No Templo de Der; f) Na primeira sala no muro norte do Grande Templo de Abu Simbel.
 - 69 Conforme o conteúdo da *Grande Inscrição de Karnak* (c. 1206 A.E.C.), encontrada no Complexo de Templos de Karnak, localizados próximos à aldeia de *El-Karnak*, a 2,5 km ao norte de Lúxor.
 - 70 Elefantina é uma ilha no rio Nilo, no sul do Egito, situada frente à cidade de Aswan e se encontra a c. 900km ao sul do Cairo.
 - 71 Há a discussão sobre Faraó Sethnakht ser o príncipe Sethemnakht, neto de Ramsés II da 19ª Dinastia, pelo fato de ocorrer a guerra civil no Egito que tirou a Faronesa Tawosret do poder, e de Sethnakht, por ser neto de Ramsés II, tinha direito de reivindicar a sucessão do trono. Sethemnakht é atestado como o 39º na *Lista dos Filhos de Ramsés II* – muitos dos quais se acredita ser netos – encontrada no Ramesseum, que é o Templo Mortuário do Faraó Ramsés II na Necrópole Tebana da atual Lúxor. Em um dos fragmentos das 20 molduras de porta encontradas em *Khata'na-Qantir*, no Sul do Egito, datado de c. 1250 – 1200 A.E.C. há a mudança do nome do 10º filho de Ramsés II, Setepenre para Sethemnakht, indicando usurpação de propriedade, e também leva a crer que Setepenre nesta época devia ser falecido, pois o sucessor de Ramsés II, Merneptah, era o seu 13º filho. Inclusive, na lista de Faraós da segunda procissão encontrada no Templo Mortuário de Ramsés III em Medinet Habu, na Necrópole Tebana da atual Lúxor, Sethnakht é colocado como sucessor direto do Faraó Seti II, dando a interpretar o Faraó Siptah (c. 1193 – 1187 A.E.C.) e a Faronesa Tawosret (c.



1187 – 1185 A.E.C.) como ilegítimos. Contudo, não se pode trazer esta afirmação de forma plena pela falta de maiores evidências materiais sobre a possibilidade de Sethnakht ser neto de Ramsés II, considerando a origem do Faraó Sethnakht ainda misteriosa. A questão da origem de Sethnakht, por se tratar da ascensão de um Faraó ao poder, trata-se da trajetória de um indivíduo que pode ter diversos fundos, desde pertencente à família real até as forças armadas, o que não altera o fato de ter havido uma guerra civil no Egito entre Sethnakht e a Faronesa Tawosret.

- 72 Não há clareza sobre a especificidade sobre a natureza do conflito entre Sethnakht e os Asiáticos apresentado na *Estela de Elefantina*, principalmente por não ser uma narrativa do próprio Sethnakht, mas de um narrador e/ou escritor, o que não torna os seus relatos como fatos verídicos, mas sim campanha contra a oposição ao Faraó.
- 73 Conforme o conteúdo dos relevos encontrados no Templo Mortuário de Ramsés III em Medinet Habu, na Necrópole Tebana da atual cidade de Lúxor, datados de c. 1150 A.E.C.
- 74 Após as suas tentativas fracassadas de tentar conquistar o Egito, os Povos do Mar, com os seus respectivos grupos étnicos coesos, estabeleceram-se separadamente em vários locais do Levante: os Peleset/Filisteus na região da Pentápolis (Ashdod, Askelon, Ekron, Gaza e Gath); os Tjeker/Teukroi em Dor; os Sherden/Sardenhos em Akko; os Danyen/Dan em Joppa e mais tarde em Lachish; os Weshesh/Oscos em Hamath; os Ekwesh/Aqueus na Planície Ciliana, na costa mediterrânea da Turquia, porém, a região está mais ligada historicamente ao Levante do que à Ásia Menor ou Anatólia.
- 75 Ramsés V (c. 1145 – 1141 A.E.C.) era filho de Ramsés IV, e teve um reinado curto de c. 4 anos. Sabe-se que morreu de varíola no segundo ano de reinado do seu tio e sucessor Ramsés VI, que provavelmente assumiu o trono mediante a doença do sobrinho, e que a sua tumba original que corresponde à KV (“*King’s Valley*” – Vale dos Reis) de nº 9 do Vale dos Reis, localizada à margem oeste do Nilo, em frente à Tebas, atual Lúxor, no Alto Egito (Sul), no centro da Necrópole de Tebas, por estar próxima à Tumba de Amenhotep IV Aquenatón, foi apropriada pelo seu tio, dando a entender que o trono foi usurpado. Contudo, os corpos de ambos os faraós foram sepultados na tumba KV nº 35 do Vale dos Reis.
- 76 Isto é sugerido pela base de uma estátua de bronze fragmentada de Ramsés VI descoberta em Megiddo, no território de Canaã, e um escaravelho seu encontrado em Alakh, na costa sul da Anatólia, pelo fato de se tratarem de artefatos comercializados a todo o tempo pelo mediterrâneo da época.
- 77 Sabe-se que o período do reinado de Ramsés VI é o que delimita (*terminus post quem*) a presença do exército egípcio em Jaffa, que durante esta época, devido à sua ausência, foi destruída duas vezes (BURKE *et al.*, 2017, p. 85,128-129).

Referências

BEN-TOR, Daphna; ALLEN, Susan J.; ALLEN, James P. Seals and kings. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, Alexandria-Virgínia -EUA,v. 315, p. 47 – 74, 1999.

BIETAK, Manfred. From Where Came the Hyksos and Where Did They Go? *In: MARÉE, Marcel (edit.). The Second Intermediate Period (Thirteenth-Seventeenth Dynasties)*. Lovaina, Barbante Flamengo, Flandres. Bélgica: Orientalia Lovaniensia Analecta, v. 192, p. 139-181, 2010.

BURKE, Aaron A. et al. Excavations of the New Kingdom Fortress in Jaffa, 2011–2014: Traces of Resistance to Egyptian Rule in Canaan. *American Journal of Archaeology*, Boston, Massachusetts, EUA, v. 121, n. 1 , p. 85-133, 2017.

DEAN, Rebecca Angharad. *Warfare and Weaponry in Dynastic Egypt*. Barnsley, Yorkshire do Sul, Inglaterra, Reino Unido: Pen & Sword Books Ltd, 2017.

DIJKSTRA, Meindert. Canaan in the transition from the Late Bronze to the Early Iron Age from an Egyptian perspective. *In: GRABBE, Lester L. The Land of Canaan in the Late Bronze Age.*, Londres, Inglaterra, Reino Unido, Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies,T&T Clark – Bloomsbury Publishing, p. 59-89, 2017.

HOFFMEIER, James K. et al. New Archaeological Evidence for Ancient Bedouin (Shasu) on Egypt’s Eastern Frontier at Tell el-Borg. *In: BIETAK, Manfred (edit.). Ägypten und Levante*, n. 26. Viena - Áustria: Internationale Zeitschrift für ägyptische Archäologie und deren Nachbargebiete, p. 285-312, 2016.



KOPETZKY, Karin; BIETAK, Manfred. A Seal Impression of the Green Jasper Workshop from Tell el-Dab'a". *Egypt and the Levant*, n. 16, p. 357-375, 2016.

MALEK, Jaromir, *Egyptian Art*. Londres, Inglaterra, Reino Unido: Phaidon Press, 1999.

MORKOT, Robert George. *North-east Africa and trade at the crossroads of the Nile Valley, the Mediterranean and the Red Sea*. Oxford, Oxfordshire, Inglaterra, Reino Unido: Oxbow Books, 2016.

MOURAD, Anna-Latifa. *Rise of the Hyksos: egypt and the levant from the middle kingdom to the early second intermediate period* (PhD Dissertation, Dept. of Ancient History) – Macquarie University, Sydney, Nova Gales do Sul, Australia, 2014.

RYHOLT, Kim S. B. The Date of Kings Sheshi and Yaqubhar and the Rise of the Fourteenth Dynasty. In: MARÉE, Marcel (edit.). *The Second Intermediate Period (Thirteenth-Seventeenth Dynasties)*. Lovaina, Barbante Flamengo, Flandres, Bélgica: Orientalia Lovaniensia Analecta, v. 192, p. 109-126, 2010.

RYHOLT, Kim S. B. *The Political Situation in Egypt During the Second Intermediate Period: c. 1800-1550 b.c.* Copenhagen - Dinamarca: Museum Tusculanum Press, 1997.

WATSON, Traci. Mummy DNA Unravels Ancient Egyptians' Ancestry. *Nature* (en), v. 546, n. 7656, p. 17, jun. 2017.

